# SUBJETIVIDADE, ESPAÇO E CIDADANIA

Gregório Borges Machado
Universidade de Brasília
borgesgregorio@yahoo.com.br

Gilberto Oliveira Jr.
Universidade de Brasília
oliveirajr@unb.br

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de propor uma investigação do espaço a partir do sujeito enquanto ser existente, do indivíduo psicológico; assim de uma análise do espaço a partir dos processos psicológicos, associados aos processos no espaço. Assim, pretende-se compreender o espaço a partir das demandas internas do homem, que o motivam à ação; dos indivíduos que coletivamente, em sociedade, imprime a ação no espaço, lócus da produção do homem; a fim de efetivamente alcançar a relação do homem no espaço. Busca investigar possibilidades na construção do saber geográfico, e na realização do ensino de geografia, dentro de análise dialética dos processos no espaço, intensificando a compreensão dos processos no espaço a partir do homem, dos processos psicológicos - aprofundando a crítica sobre a perversidade dos processos espaciais atuais, traduzidos principalmente no modelo atual de globalização. A partir da reflexão sobre a relação cidadania e educação, pretende-se realizar uma crítica a respeito da produção do espaço, do modelo de produção atual, e do papel da geografia enquanto ciência e ensino. A análise neste trabalho é realizada a partir do método dialético e com base em revisões bibliográficas.

**Palavras-chave**: Educação, globalização, espaço, homem, processos psicológicos, Geografia, ensino, cidadania.

**Eixo temático**: Enseñanza y Aprendizajes de la Geografía

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende fazer uma análise do espaço a partir da apropriação de conhecimentos, e noções, a respeito dos processos psicológicos do homem a fim de buscar perceber o espaço a partir do homem; os processos no espaço a partir dos processos psicológicos; e em que medida os processos contraditórios no espaço oriundos do modelo atual de produção são prejudiciais aos homens em relação aos próprios processos interno inerente aos indivíduos - processo psicológicos. Neste sentido, ter o espaço como objeto de investigação, buscando um olhar a partir do indivíduo que se insere no espaço, do sujeito existente psicológico, sem perder de vista a sua totalidade a

partir das categorias de análise . Acreditando que assim é possível evidenciar que a apropriação dos conhecimentos a respeito dos processos psicológicos promovem uma intensificação sobre a percepção dos processos no espaço, um aprofundamento sobre a compreensão de suas contradições, à medida que se revela a violência desses processos em função das demandas internas dos indivíduos, dos processos psicológicos inerente aos homens. De que modo os processos globalizatórios se revelam perversos aos indivíduos? Quais são as consequências à saúde psíquica do indivíduo em um modelo onde a realização da vida se restringe ao consumo, e ao trabalho alienado? São perguntas que motivam a realização deste trabalho, e que fazem crer que a busca do entendimento e a investigação dos processos no espaço sem suas contradições a partir do processos psicológicos não só é possível, como também necessário. E também, nesse sentido, é que o trabalho se lança à reflexão da possibilidade da geografia enquanto ensino se apropriar de tais categorias como agente propiciadora de cidadania, em consonância com a geografia que se faze enquanto ciência.

## SUBJETIVIDADE, ESPAÇO E CIDADANIA

A ciência geográfica têm como objeto de estudo o espaço, e a partir desse objeto é capaz de revelar as contradições dos processos no espaço, e em parte a perversidade sistêmica de tais processos (SANTOS, 2001). De tal modo que, a geografia ao se propor compreender o espaço em sua totalidade é capaz de promover ao homem condições de não somente compreender o mundo em que vive, mas em parte, a si próprio enquanto sujeito que se relaciona intimamente com os processos no espaço onde se encontra inserido, e à medida que entende a íntima relação entre os processos no espaço e o homem é capaz de entender todos os processos que se camuflam na “pseudoconcreticidade” do viver (KOSIK, 1976). Concordando com Crochik que:

> Permitir aos homens que conheçam as origens psíquicas de seu sofrimento e possam atuar como consciência delas modificando-as, além de adaptativo, fortalece a consciência.(...) Revelar o que o homem desconhecia, permitir conhecer, elaborar e dar um destino adequado aos desejos humanos deveria possibilitar algo de liberdade. (CROCHIK, 2008, 174).

A geografia, assim, se coloca num importante papel de transformação social, que seja na formação de cidadania. Evidentemente que admite-se todo o *oceano de complexidades* existentes no universo de possibilidades e necessidade de construção de uma educação em sua totalidade, como caminho possível para promoção da cidadania.

Pois que como afirma Freire:

> Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer. (FREIRE, 1996, 135).

Nesse sentido então, o estudo dos processos psicológico pela geografia, ou seja a análise dos processos psicológicos a partir da perspectiva geográfica, da percepção do espaço em sua totalidade, é capaz de oferecer não somente uma visão mais completa do próprio homem, mas também, o que de fato importa para a geografia, empresta maior profundidade às críticas hoje já existentes, como também proporciona condição de conclusão da crítica: ou seja, tais processos globalizatórios são ruins, ou são intoleráveis à medida que ao ser humano promove estado de tensão, ansiedade, que se apresentam negativamente, contra os processos naturais do homem, dos seus processos psicológicos. Como bem ensina Crochik:

> Não é casual que nossa época seja a da angústia; mais propriamente, a nossa traz o disfarce da angústia: a frieza que tenta ocultá-la. A autoconservação, assim, seria mediada pela angústia, originada do medo, cujo objeto para nós é cada vez mais desconhecido: nada deve nos surpreender, e para isso é necessário saber como antever e controlar o perigo. Esse perigo não é somente externo, mas também interno: não temos consciência do que nos atemoriza. Assim, a reação ao mundo externo e nos tornarmos algo conhecido são formas de enfrentar perigos incertos. (CROCHIK, 2007, 185).

Os processos contraditórios no espaço que se apresentam em sua violência (SANTOS, 2001) podem ser caracterizados como os “perigos incertos” mencionados por Crochik e assim fica fácil compreender porque a angústia caracteriza a nossa época. Pois se trata de um resultado do processo atual de globalização. Contudo, a geografia só poderá então, entender de fato o quão perverso tais processos são, em verdade, ao indivíduo, quando se permitir conhecer os processos psicológicos dos homens e suas dinâmicas, e mais analisá-los à luz do espaço geográfico, intensificando a compreensão sobre a íntima relação entre a produção do espaço, e a formação do indivíduo, e vice-versa. Exemplifica-se essa proposição a partir da análise de Crochik:

> A socialização também ocorre na esfera do consumo e assim a psicanálise deve mesmo remontar diretamente a ela. Se o consumo é a esfera da ilusão social, no que há de progressivo e regressivo, a psicanálise também é crítica da ilusão. (...) Adorno (1955) critica o entendimento de que a gênese do sofrimento psíquico seja

> somente individual, o que colaboraria para fortalecer a falsa divisão entre indivíduo e sociedade. (CROCHIK 2008, 177)

Não se trata de fazer psicologia na geografia, mas de buscar entender minimamente esses processos e analisá-los à luz do espaço, da geografia. Concordando com Santos que:

> a base fundamental da explicação vem da produção, isto é, do trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta. (...) Quando a geografia busca novos caminho, imaginamos estar contribuindo a essa busca com a sugestão de um quando teórico que seja universalmente aplicável sem deformar as realidades individuais de cada país. (SANTOS, 2002, 247).

A percepção concreta da perversidade dos processos atuais e a necessidade de construção de um novo projeto de sociedade, em função dos distúrbios psicológicos que impõe-se aos indivíduos a partir da busca incessante e irrefletida pelo consumo, pelo lucro, da redução das amplas potencialidades criativas e racionais humanas à necessidade de produção e consumo, do lucro. Assim, apontar a construção de novas possibilidades na geografia, como ensina Santos:

> o passado não pode servir como mestre do presente, e toda tarefa pioneira exige do seu autor um esforço enorme para perder a memória, porque o novo é o ainda não feito ou ainda não codificado. O novo é, de certa forma, o desconhecido e só pode ser conceitualizado com imaginação e não com certezas (SANTOS, 2002, 25).

A compreensão dos processos a partir da perspectiva *espacial*, como proposto por Milton Santos à geografia proporciona condições de apontar novas e diversas contradições em nível dos processos que se realizam, no espaço, no tempo.

Os processos são totalitários, porque impõe aos homens tendências, condicionantes - mas não determinantes - que solidariamente emprestam aos homens um sentido próprio no movimento das ações, que se constitui enquanto processo central do modo de produção e da estruturação do espaço atual, como por exemplo, o consumo. Como bem revela Adorno:

> a tendência social objetiva da época se encarna nas intenções subjetivas dos supremos dirigentes, são estes os que originalmente integram os setores mais potentes da indústria. Os monopólios culturais são, em confronto com eles, débeis e dependentes. (ADORNO, 2000, 171).

Deste modo, as necessidades do capital são apresentadas como se fossem necessidades inerentes aos homens, a partir da criação virtual de necessidades a partir da cultura de massa, das indústrias midiáticas, dos meios de informação moldadas aos interesses do capital (SANTOS, 2001; ADORNO, 2000). Pode-se assim inferir que se estabelece um fluxo no espaço enquanto processo essencial na reprodução do modelo atual de produção, que encontra nos homens a caracterização enquanto fixo. Esvazia-se o sentido e a plenitude do homem e da existência humana, enquanto fixo que serve à manutenção dos fluxos de produção, enquanto proletário num segmento específico e alienante da produção (MARX, 2000), e fixo que serve à manutenção dos fluxos do capital, enquanto objetos predestinados ao consumo. Desta forma, o consumo se impõe enquanto obrigação, e o não-consumo enquanto irracionalidade. Os “fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia.” ensina Santos (2006, 62). Entretanto se os homens são limitados a fixos a partir das necessidades do capital, os seus processos psicológicos são fluxos internos que encontram condições de se completarem, ou de não se completarem, livremente, a partir das condições experienciadas no espaço. Quais os resultados psíquicos da relação entre os fluxos internos dos homens, inerentes aos seus processos psicológicos em relação aos fluxos percebidos no espaço? Se a resposta for no sentido da produção de distúrbios psíquicos, como processos de paranóia, obsessão ou compulsão (BELL, 2005), então enquanto processos globalizantes que agem de forma homogênea sobre todos os pontos do planeta pode-se inferir, a partir da análise geográfica que os processos de globalização são inaceitáveis, porque se apresentam enquanto violência aos indivíduos, e que o modo de produção atual constitui um processo de promoção de desestabilidade psíquica à sociedade como um todo, processo que não é benéfico à ninguém, à não ser às indústrias farmacêuticas psiquiátricos.

Tomados dentro do sistema de objetos e de ação como proposto por Santos, tem-se que a partir das ações possibilitadas pelos objetos no espaço - os processos psicológicos podem ser tomados como objetos, que permitem ações de objetividade consciente pelo capital que vê nesse sentido condição de realização do lucro. Eliminam-se todas as condições de cidadania, justamente porque a cidadania significa anti-condição de realização do capital, já que cidadania significa ter o homem como centralidade nas ações no espaço.

O que é criado pelos homens para a sua sobrevivência, a ciência, a técnica, a

> justiça, contém esse encanto da transformação dos objetos que nos transformam objetivamente. Se a magia era ilusória e precisava ser desencantada, com o desencanto da ciência, contudo, o sujeito perde a sua objetividade ao se converter em objetos. (CROCHIK, 2007, 186).

Santos (2001) ressalta o processo de construção da idéia do mundo globalizado, como fábula, a partir da repetição de um certo número de fantasias tidas - e assim, impostas - como realidade, e que acabam por se constituir como base aparentemente sólida de interpretação da própria realidade. Todavia, o que se observa é que o processo atual de globalização, através de suas linhas principais de imposição de forças homogeneizantes – o que Santos (2001) caracteriza como máquina ideológica - desconsidera as características territoriais locais, e impõe fragmentações ao espaço, assim como necessidades virtuais aos indivíduos; em detrimento da promoção da realização da cidadania plena e universal. Camufla as contradições existentes, através de uma metanarrativa que busca promover uma espécie, ou tipo, de “darwinismo social” baseado em condições de consumo, ou, em potencialidades de materialização do consumo. De tal maneira, nos revela Santos:

> “(...) Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca da uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho da cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso o culto ao consumo é estimulado.
>
> Fala-se igualmente, com insistência, na morte do Estado, mas o que estamos vendo é seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil(...). (Santos, 2001, p. 19)

Neste discurso imposto pela necessidade da realização do lucro a partir do estímulo ao consumo do que se é produzido perde-se a noção da perspectiva a longo prazo, e estimula-se a realização unicamente do agora, da felicidade instantânea, e efêmera, que se pode obter através da materialização do consumo - a fábula da globalização: “ O mundo ao alcance das mãos”.

Freud (1913) destaca a relação entre os sintomas neuróticos, da projeção da angústia interna a objetos externos, e fenômenos culturais – que pode se manifestar, também, por meio uma obra de arte, por um processo de sublimação, de uma doutrina filosófica, ou da religião. Assim, numa perspectiva didática de esclarecer a relação de tais

projeções aos sintomas neuróticos, afirma que é possível “estabelecer que uma neurose obsessiva é a caricatura de uma religião e que um delírio paranóico é a caricatura de uma doutrina filosófica” (FREUD, 1913, p.73 conforme BELL 2005, p.21). A partir de então, e tomando a força de expressão apresentada por Santos: “(...) o culto ao consumo é estimulado” (SANTOS, 2001, p.19), é possível observar que o consumo se coloca, no atual modelo de globalização, possível de se realizar nos dois níveis existentes, tanto como religião, tanto quanto doutrina filosófica. Como religião porque se impõe a necessidade do dinheiro ausente do um sentido teleológico, tomando-se por fim a necessidade do “dinheiro em estado puro”, do culto à realização da satisfação e obtenção do prazer, a partir do próprio acúmulo do dinheiro, e também como capital, e dessa busca como condição da felicidade e como possibilidade de realização plena da existência; como doutrina filosófica porque estabelece uma lógica de realização da vida, atribuindo o sentido da existência à condição de generalização da possibilidade de realização do consumo; deixa-se de consumir para viver, passa-se a viver para consumir.

De tal maneira que o mito de realização da existência, promovida e estimulada pela necessidade de criação constante de demanda - que se dá principalmente através da propaganda e das estratégias de marketing - resulta ao indivíduo na geração interna de ansiedade, e também externa, como valor agregado à mercadoria, uma ansiedade virtual instalada a partir da necessidade de se adquirir o novo: novas modas, tendências, tecnologias etc. Intensifica-se essa atmosfera de ansiedade, resultada e contida na tecnosfera (SANTOS, 2001), à medida que o indivíduo não pode, ou não consegue adquirir o que se afirma possível a todos, e quando acredita que reside no objeto de consumo a realização da felicidade, ou dos caminhos que possibilitem a felicidade; e mais, à medida que este indivíduo não representa um único sujeito, mas a totalidade de sujeitos que igualmente estão subjugados ao mesmo processo, submetidos à mesma parcela da marginalização, entretanto, em níveis desiguais. Bell (2005) argumenta que a gênese da paranóia reside na necessidade de lidar com aquilo que não toleramos. Ora, o não acesso ao universo de existência, de felicidade, de consumo, e prazer, que reside na fábula da globalização, no mito criado pela fábula, se impõe como idéia intolerável ao indivíduo, e a gênese do processo paranóico se instala no homem coletivo, e assim na totalidade da coletividade.

A paranóia se traduz na projeção de elementos internos não toleráveis para o mundo externo; encontra origem na ansiedade, que, também, resulta da percepção da incapacidade de ser completamente autônomo, completamente independente. O modelo atual de globalização, ao contrário do que afirma como discurso, impõe uma diminuição

da autonomia ao indivíduo, entendido coletivamente, à medida que lhe impõe novas necessidades, virtuais, para a realização do cotidiano, da existência. A máquina ideológica vai estar sempre reforçando a vantagem de se estar sempre consumindo a produção, porque a produção necessita ter um mercado que esteja absorvendo a produção; de tal maneira como peça fundamental na composição da completude do indivíduo, está associado sua capacidade de consumir, e sua autonomia relacionado ao potencial que pode materializar o processo de consumo, quanto maior esse potencial, mais autônomo é o indivíduo.

O indivíduo tende a procurar nos diversos membros da sociedade a confirmação da sua compreensão e ratificação das suas escolhas, seja na leitura do comportamento dos outros indivíduos, ou mesmo, no respaldo de suas observações (ARONSON, WILSON, & AKERT, 2002). Assim, através da percepção de algum reforço positivo - um elogio, um gesto de aprovação, observação de um comportamento análogo - o indivíduo pode apropriar à sua identidade o objeto de consumo, atribuindo à sua autonomia um valor superlativo em função da incorporação da artificialidade, diminuindo sua ansiedade. Entretanto a percepção da artificialidade, da exterioridade, e não organicidade do objeto em relação a identidade do sujeito, a compreensão de que a expectativa foi construída em cima de uma fábula, e de que o objeto não corresponde exatamente ao propósito esperado, divulgado pela propaganda, promove uma ruptura entre o Ego e o mundo externo, ao remendo sobre o local dessa ruptura, é onde para Freud, se origina o delírio. Como neste trabalho o indivíduo é tomado na sua acepção coletiva, ou seja, a partir da sociedade e na sociedade, se depreende que esse delírio se revela na totalidade da própria sociedade, o que justifica a afirmação de Santos (2001) a respeito do culto e do fetichismo ao consumo; pois que um modo de diminuir a frustração - ao invés de lidar com o mundo real, concreto, se perceber vítima das suas contradições - é acreditar que o propósito da fantasia agregada ao produto poderá ser encontrada no próximo, enquanto não for superado por outro.

Bell, (2005) aponta nesse sentido, a própria realidade como fator possível de origem da paranóia,

> É uma peculiaridade do universo paranóico – um mundo intimidador, cheio de figuras aterradoras, que impede qualquer desenvolvimento – ser, para certas pessoas, preferível a algo que parece bem pior, a realidade. Todos sentimos dificuldade com determinados aspectos da realidade, mas para alguns isso implica a falta de controle da realidade em geral, que então é substituída por um mundo de delírio (Bell, 2005, p.61)

Desse modo, o modelo de produção atual, e de globalização, impõe como lógica de realização da psique, a promoção de uma paranóia coletiva, neurose obsessiva e delírio paranóico coletivo, à medida que atribui significados de indispensabilidade à artificialidades, que por sua vez nem sempre podem ser adquiridos por um indivíduo, e mesmo quando podem não satisfazem por completo, e somente por um breve período, o propósito de satisfação, ou de condição de realização de liberdade, prazer, ou felicidade.

Para Marx, estes modelos ilusórios de interpretação da realidade, configuram-se elementos intrínsecos ao modelo de produção capitalista. Marx (conforme Bell, 2005, p.22) considerava a religião uma espécie de delírio coletivo, que tinha um fim importante dada a condição em que o homem se encontrava, porquanto que aos homens que para abandonar a ilusão a respeito da própria condição era necessário desistir de uma condição que exige ilusões. Assim, o modelo de produção atual, ao invés de promover ao homem a capacidade crítica de refletir sobre si e o mundo, ao contrário, tende a criar ilusões a respeito deste, a fim de que o mito da construção da felicidade e realização da vida continue atrelado ao processo de consumo. A própria condição de realização através do consumo é a maior fábula imposta pela repetição, arbitrariamente aceita pelos indivíduos, e reflexo da necessidade de criação de demanda aos processos produtivos cada vez mais ágeis.

A geografia enquanto ensino também não pode se esquivar de oferecer ao aluno um ensino capaz de proporcionar a compreensão mais profunda da relação do homem no espaço: que considere os processos psicológicos, conforme a primeira parte deste terceiro capítulo buscou elucidar - à medida que a apropriação dos conhecimentos dos processos psicológicos agregam à crítica geográfica do espaço fundamentação teórica. Concordando com Freire (1996) que:

> O melhor ponto de partida para estas reflexões é inclusão do ser humano que se tornou consciente. Como vimos, aí radica a nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas mas também delas podemos ter um conhecimento cabal. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. (FREIRE, 1996, 69).

A análise dos processos psicológicos a partir da geografia, apresenta a necessidade desta perspectiva dentro do sentido da construção da cidadania, que possibilita o aprofundamento e a expansão num movimento de busca pela cidadania plena. Esse movimento de construção da via da cidadania encontra na educação importante condição de realização, a geografia que se apresenta enquanto geografia

crítica não pode negar ao ensino de geografia condições de se tornar instrumento na transformação da sociedade, a medida que revela as contradições no espaço, e assim, necessita integrar a investigação do espaço a partir dos processos psicológicos, a fim de se permitir aprofundar  a percepção das contradições também no ensino em geografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos resultantes do modelo de produção atual, traduzidos no modelo atual de globalização, apresentam-se de modo perverso e totalitário para a realização do indivíduo no mundo. A partir da investigação do espaço tomando os processos psicológicos, é possível perceber que os processos no espaço se apresentam ao homem enquanto promotores de processos de ansiedade, paranóia, e delírio paranóico, à medida que estimulam ao homem à realização de suas necessidades a partir de artificialidades, e da imposição de um discurso que permeia os grandes meios de comunicação, e que a partir de sua reiteração tenta se colocar como verdade, como ensina Santos (2001).

Este trabalho realiza de modo inicial a investigação dos processos em suas contradições no espaço tomados a partir dos processos psicológicos do homem. Revela a importância de se realizar tal investigação na geografia, e da necessidade de se discutir possibilidades de  apropriação dessa investigação do espaço pelo ensino de geografia, entendendo que, como Freire (1996), o conhecimento não é uma informação que se deve depositar sobre os alunos, mas algo a se construído horizontalmente em sala de aula, e a importância da construção do conhecimento a respeito do espaço e suas implicações sobre os processos psicológicos na construção da cidadania.

## Bibliografia


ADORNO, Theodor W. *Teoria da cultura de massa.* Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2000.

ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica.* 2º ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1985.

ALVES, Glória da Anunciação. *Cidade, cotidiano e TV.* **In.: A geografia em sala de aula. São Paulo**, SP: Contexto, 1999.

ARONSON, Elliot. & WILSON, Timothy. D. & AKERT, Robin, M. *Psicologia Social*. 3°ed. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos Editora LTC, 2002.

BELL, David. *Paranóia – Conceitos da Psicanálise.* v.6. Rio de Janeiro, RJ: Relume

Dumará: Ediouro: Segmento Duetto, 2005.

BOBBIO, Norberto. *Igualdade e liberdade*. Rio de janeiro, RJ: Ediouro, 1996.

CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. Rio de janeiro, RJ: Contexto, 2007.

CARLOS, Ana Fani A. *A geografia em sala de aula.* São Paulo, SP: Contexto, 1999.

CAROPRESO, Fátima. & SIMANKE, Richard T. "O conceito de consciência no Projeto de uma Psicologia de Freud e suas implicações metapsicológicas". **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 85-108, 2005.

CASSAB, Clarice. "Reflexões sobre o ensino de geografia". **Geografia: Ensino e Pesquisa,** Santa Maria, RS, v. 13, n. 1, p. 43-50, 2009.

CROCHIK, J. Leon. "Teoria Crítica da Sociedade e Estudos sobre o Preconceito". **Revista Psicologia Política**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 67-99, 2001.

CROCHIK, J. Leon. *Teoria Crítica e Formação do Indivíduo.* São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2008.

CROCHIK, J. Leon. "Razão, Consciência e Ideologia: Algumas Notas". **Estilos da Clínica,** São Paulo, SP: Vol. 12, n. 22, p. 176-195, 2007.

DAMIANI, Amélia L. *A geografia e a construção da cidadania.* **In.: A geografia em sala de aula. São Paulo**, SP: Contexto, 1999.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social***.** 2. ed. São Paulo, SP: M Fontes, 1999.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil***.** 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

FERNANDES, Manoel. *Aula de Geografia e algumas crônicas.* Campina Grande, PB: Bagagem, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a pratica educativa.* 16. ED. São paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. *Mal-estar na civilizacao(o)***.** Rio de janeiro, RJ: Imago, 1974.

GALEANO, Eduardo H. *As veias abertas da América Latina.* 36. ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1994.

GLASSMAN, W. E. & HADAD, M. *Psicologia: Abordagens atuais.* 4°ed Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

HALL, C. S. & LINDZEY, G. *Teorias da Personalidade.* São Paulo, SP: Artmed, 2000.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem***.** Rio de janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A. LTC, 1986.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto.* 2ºed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1976.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – Um Conceito Antropológico.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor J.Z.E, 1993.

LOPEZ, Luiz R. *História do Brasil contemporâneo.* 8º ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1997.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização – Uma interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. 5°ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1972.

MARX, Karl. *O Capital**::** crítica da economia política*. 8. ed. Rio de janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2000.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital.* [tradução Isa Tavares]. - 2 ed. - São Paulo, SP: Boitempo, 2008.

MORAIS, A. C. Robert. *Geografia Crítica: A valorização do espaço.* São Paulo, SP: Hucitec, 1984.

MORAIS, A. C. Robert. *Geografia - Pequena história crítica.* São Paulo, SP: Hucitec, 1994.

MORAIS, A. C. Robert. *Ideologias Geográficas.* São Paulo, SP: Hucitec, 1991.

MOREIRA, Ruy. *O Discurso do Avesso (Para a Crítica da Geografia que se Ensina).* Rio de Janeiro, RJ: Dois Pontos, 1988.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o Pensamento Geográfico?: Por uma Epistemologia Crítica.* São Paulo, SP: Contexto, 2006.

OLIVA, Jaime T. *Ensino de Geografia: um retrato desnecessário.* **In.: A geografia em sala de aula. São Paulo**, SP: Contexto, 1999.

SANTANA, M. Sílvio de. “O que é cidadania”. 2009. Disponível em: <http://advogado.adv.br/estudantesdireito/fadipa/marcossilviodesantana/cidadania.htm>

SANTOS, Milton. *A Urbanizaçao Brasileira.* São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.* 4.ed. 2.reimpr. – São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo, SP: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. *Por Uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.* São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do Pensamento Único à consciência universal.* 5°ed. – Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001.

SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo, SP: Ática, 1994.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo e um humanismo + a imaginação + questão de método. 3. ed*. Sao paulo, SP: Nova Cultural, 1987.

STRAFORINI, Rafael. *Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.* São Paulo, SP: Annablume, 2008.

VIGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem.* Sao paulo, SP: M Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. SP, Martins Fontes, 1999.